

## VIAJANTES NO TEMPO

O sapo não pula por boniteza, mas porém por precisão.

(Guimarães Rosa)

Algumas famílias moravam como nos condomínios. Casas dispostas lado a lado, algumas em frente, ou em outras ruas, comunicando pelos quintais. Avós, tios, tias, primos, agregados, empregadas... Era uma festa. Doce de cidra em uma, biscoito de goma em outra, milho assado ou corá ainda quente. Futebol em um quintal, abacateiro em outro. Cachorros, papagaios, canarinhos, distribuídos pelo território. O espaço comum ampliado - autêntico parque de diversões.

No início da nossa rua havia um pequeno centro comercial: as oficinas do Enoque e do Virgílinho, farmácia do Belisário Marques, loja do Seu Carlos Amantino, gabinete do Sadi Tiririca, barbearia do Antônio Madeira. Terminava no armazém do Antônio Camilo. Não é bairrismo, mas nenhum outro estabelecimento trouxe-me contentamento igual. Tanto afeto. Nem Macy's, Galerias Lafayette, Vitória Emanuelle. Nestes lugares não ouvi as charadas do Enoque, os trocadilhos do Nonô Melo, explicações científicas do Belisário, as longas conversas com seu Nezinho Venâncio. Sentados na escada branca, sempre com seu chapéu, enrolando o cigarro de palha, ele desfiava fatos impagáveis, sob o olhar silencioso da Dona Cruzelina.

Também era onde começava o caminho quando, sem opção, tínhamos de voltar para as aulas. Toda a família se reunia para a despedida. A vida iria continuar sem mim. Aquelas cenas ficaram registradas eternamente. Ao lembrar-me delas sempre coloco uma placa no início do pensamento: "Cuidado. Cenas Fortes". Não sei que mal eu fizera a Deus, mas uma vez tocava "I Starded a Joke" em algum rádio enquanto eu passava. A mala salvou minha reputação. Elas eram colocadas em sacos de aniagem e a minha não possuía abertura para a alça. Tinha de levá-la no ombro, mas desta vez compensou o desconforto. Impediu que os companheiros de prosa vissem as lágrimas de esguicho, como dizia Nelson Rodrigues. Em frente ao Bar do Ponto já estava mais ou menos recomposto.

O ônibus parava em frente ao Hotel Lili, funcionando enquanto acomodávamos os objetos. O som do motor sinalizava que nenhum fato mágico aconteceria

para impedir a viagem. É Drury's. Segura na mão de Deus e vai. Em São João e Guanhães apenas entrar passageiro. Não descíamos. Parada mesmo só em Morro do Pilar, estomago roncando. Os salgados se resumiam num biscoito com gosto de querosene, pelo menos acompanhado do leite queimadinho - bem quente, ajudava muito.

Na Serra do Cipó, frio de lascar, recebíamos uma lufada de vento quando o Juquinha entrava para vender orquídeas. Quem iria comprar orquídeas àquela altura? Mas davam gorjetas e as flores ficavam reservadas para cumprir o mesmo ritual no próximo ônibus.

Aproveitava estar acordado para presenciar a chegada de algum Disco Voador. Lá fora construído um Oviporto por algum lunático ou prefeito. Mas nunca vi nada no céu além das estrelas e as luzes de Belo Horizonte. Definitivamente estávamos ferrados. A cidade já se mostrava ao longe. Lá chegando, encontraríamos pedreira igual à da descida da Serra, um paredão imenso que começaram a cortar e desistiram. Nós não podíamos desistir. Pelo menos de Lagoa Santa em diante parávamos de sacolejar. À frente da Vila Militar, um avião Teco Teco parecia estar de prontidão. Será que o Brasil ganharia alguma guerra usando aviões como aquele? Deve estar lá ainda, preparado para alguma missão.

A impressão é que estávamos em contínua viagem, João Bosco, Celso, muita gente. Morávamos em Peçanha e viajavamos o resto do tempo para os lugares onde se estudava, trabalhava, dormia, passeava nos parques, saltava os muros para nadar nos clubes, penetrava nas festas, ia aos cinemas de bairros, mais baratos. Como os armários eram insuficientes, as roupas permaneciam nas malas. Sempre prontas debaixo das camas, reforçavam a condição de viajantes.

*Estou aqui de passagem, sei que adiante um dia vou voltar. Soy loco por ti, Peçanha, (com licença, Gilberto Gil).*

Enquanto não voltava era seguir pelo caminho das pedras.

João Bosco, companheirasso de tantas viagens, não voltou da última, mas continua ajudando-nos, com certeza. Parafraseando Caio Fernando Abreu, diria que muita coisa que ontem parecia importante ou significativa amanhã virará pó no filtro da memória. Mas o sorriso aberto do João Bosco ah, esse resistirá às artimanhas do tempo.

